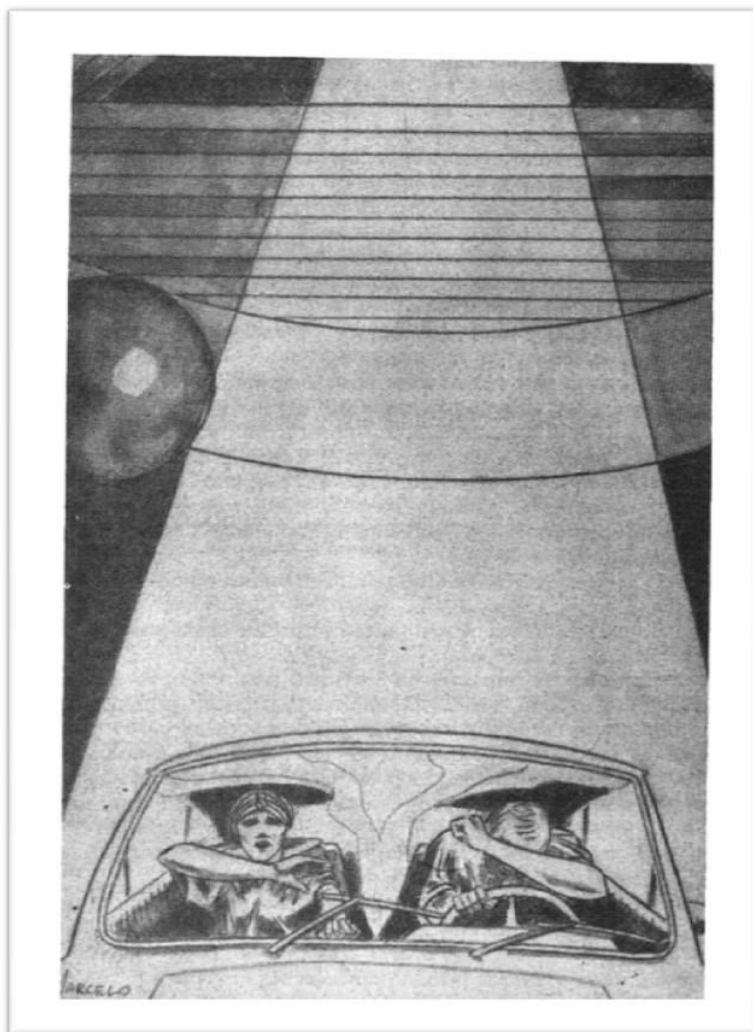


I - O SEQUESTRO

No dia 12 de janeiro de 1976 eu me levantei e como já vinha pensando, havia algum tempo, em trocar o meu carro, este foi o assunto durante o café da manhã. Eu já tinha tentado fazer esta troca no Rio de Janeiro, mas estava encontrando muita dificuldade por causa do ano de fabricação e do estado de conservação que não era bom.



... Rapidamente, aquela coisa nos sugou para dentro de si com carro e tudo ...

Pensei em ir a Belo Horizonte fazer esta troca com um de nossos amigos que na época, trabalhava no comércio de carros usados. Minha irmã morava comigo e se propôs a tomar conta da casa e das crianças para que eu pudesse viajar. Decidimos, então, sair naquele dia. Fui para meu trabalho e tornei providências para a viagem. Saímos do Rio de Janeiro, eu e meu companheiro, à tardinha, mais ou menos às 18:00 horas. O dia tinha sido quente e abafado e, quando começamos a subir a Serra de Petrópolis, caiu uma chuva forte, que continuou por muito tempo.

Quando estávamos descendo a serra, resolvemos parar para jantar.



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

Enquanto isso estaríamos dando um tempo, esperando que a chuva passasse ou diminuísse um pouco. Paramos numa churrascaria logo no final da descida da serra. Jantamos. A chuva ficou mais fraca. Continuamos a viagem, com a decisão de só parar para abastecer o carro.

Eu adormeci e fui acordada por meu companheiro que me disse estar ficando com sono. Estávamos passando por Três Rios, ainda no Estado do Rio de Janeiro. Eu disse a ele que parasse onde ele quisesse, mas ele resolveu continuar dirigindo mais um pouco e eu continuei deitada. Depois que passamos Paraibuna, divisa do Estado do Rio com Minas Gerais, ele me disse que teria que parar mesmo, porque o gás do escapamento estava fazendo seus olhos arderem muito. Meu carro era um Karman Ghia, ano 65, e tinha alguns buracos no assoalho pelos quais o gás entrava dentro do carro. Começamos a procurar um lugar para parar, mas estava difícil porque a estrada tinha muitas curvas e o acostamento era estreito. Finalmente, chegamos próximo à cidade de Matias Barbosa. Havia um trecho novo nesta estrada, que ainda não tinha sido inaugurado, e me lembro disto porque embaixo da ponte havia barris mostrando que o trânsito estava fechado naquela parte da estrada. Mas, como os carros, que iam à nossa frente, passaram por entre os barris e pegaram o trecho novo, nós fizemos a mesma coisa.

A pista era larga com grandes retas e ainda não havia demarcação. Logo depois de uma descida paramos no acostamento, à nossa esquerda, na contramão. Meu companheiro recostou o seu banco, deitando-se. Ele pediu que eu tornasse conta e o chamasse dentro de trinta minutos ou uma hora, porque ele queria estar em Belo Horizonte bem cedo porque tinha um compromisso com um de seus amigos.

Ele adormeceu logo a seguir e eu acendi um cigarro e fiquei ali olhando de um lado para o outro, como todos fazem, eu acho. Ali não estava chovendo e nem o céu estava totalmente escuro, mas havia blocos grandes e separados de nuvens pesadas de chuva. Olhei para o relógio do carro que marcava 23 horas e 30 minutos.



Quando olhei para a minha frente, notei uma luz no céu que me pareceu ser um balão, Como não havia nada mais importante para fazer naquele momento, fiquei a observar aquela luz que se movimentava vagarosamente, de um lado para o outro, entrando e saindo das nuvens.

Devia estar bem distante, pois aquela luz era pequena. Porém, cada vez que ela fazia o movimento de ida e volta, aumentava de tamanho. Fiquei observando durante algum tempo, cinco ou dez minutos, não me lembro muito bem. Aquela luz foi-se aproximando lentamente, enquanto eu fumava. A minha impressão era de que ela estava a cem ou a duzentos metros de altura, mas, realmente eu não posso afirmar. Todavia, a luz estava ali, disto eu tenho certeza.

Até aquele momento, se nada mais houvesse acontecido, aquela luz não teria significado nada para mim. Digo isto porque eu estava acostumada a ver constantemente, no Rio de Janeiro, os cariocas soltarem muitos balões, o que não é comum em Minas Gerais. Mas eu nunca tinha visto um balão tão bonito como aquele. Ele flutuava acima do morro que estava à minha frente e à direita. Fiquei observando aquele balão com muita admiração, pois nunca tinha visto um tão bonito. Sua luz vermelho-alaranjada refletia um brilho transparente, mas não se expandia. Eu estava achando tão bonito e diferente que cheguei a pensar com orgulho: Puxa vida! O mineiro custa a fazer alguma coisa, mas, quando faz, olha só que coisa mais linda! Porém, quando abaixei para apagar o cigarro, assim que voltei a olhar novamente para aquele local não vi mais a luz ou balão e não dei a menor atenção ao fato, pois pensei que ele tivesse caído por detrás do mono.

Pouco depois, numa baixada, logo à frente, uma luz enorme acendeu e apagou de repente. Aquele clarão foi muito forte e acompanhado de um zumbido. Logo a seguir, levei as mãos aos olhos, esfregando-os. Quando voltei a olhar para o que tinha acontecido, ao recostar-me no banco vi algo grande e escuro vindo em minha direção pelo ar.

Não sei o que pensei naquele momento, mas sei perfeitamente que comecei a dizer aos gritos ao meu companheiro que um avião estava caindo em cima do nosso carro. Ele ainda pôde ver o vulto que pairava sobre nós.



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

Rapidamente, aquela coisa nos sugou para dentro de si com carro e tudo. Senti uma sensação de leveza muito grande pelo corpo. Com medo de flutuar, segurei-me com força no banco. Não havia nenhuma claridade dentro do lugar onde nós estávamos.

Naquele momento, isto não tinha a menor importância porque, assim que passamos para dentro daquela coisa, senti um peso enorme pelo corpo, tão grande que eu não conseguia mover-me para nada. Falar tinha se tornado difícil, pois minha língua estava pesada e dormente como se tivesse sido anestesiada.

Eu estava em pânico e o meu companheiro totalmente atordoado sem saber o que fazer, pois não dizíamos outra coisa a não ser isto: “Como vamos sair daqui? E as crianças, como vão ficar? Nunca mais vamos vê-las. Não devíamos ter viajado hoje”.

Não sei quanto tempo se passou, mas sentimos um leve tranco quando paramos. O ambiente onde estávamos clareou-se.

Foi estranho porque toda a parede em volta do carro estava acesa e aquela sensação de peso e dormência que eu sentia pelo corpo havia passado. Fiquei olhando para uma escada que estava à nossa frente e que subia do piso até o teto daquele lugar estranho.

De repente, uma porta se abriu no teto daquele local. Notamos, então, que havia uma outra parte, isto é, primeiro e segundo andar. Meu coração pulava tanto de medo que tive a sensação de estar grande, bem maior que meu tamanho normal.

Não sei o que esperava ver, mas foi com grande alívio que vimos dois homens descendo do que parecia ser um andar superior para o piso onde nos encontrávamos ainda sentados dentro do nosso carro. Notei ainda que havia uma terceira pessoa, porque eles desceram conversando e eu ouvia perfeitamente a voz que vinha na parte superior daquele ambiente, mas somente dois homens vieram ao nosso encontro.



Olharam demoradamente para nós. Um deles parou perto do carro, na parte da frente, abaixando-se e olhando de maneira curiosa. O outro foi para a parte de trás e olhou da mesma maneira. Penso que eles estavam achando estranho porque o carro estava todo sujo de lama por causa da chuva. Em seguida, o homem que estava em pé na nossa frente olhou-nos bem. Eu estava chorando muito, mas, quando ele me olhou, pude notar ainda um leve sorriso em seus lábios, que eu entendi tratar-se de um gesto de boas vindas. Logo depois, dirigindo-se a mim, ele gesticulou com sua mão direita convidando-me a sair do carro.

Eu tremia tanto que quase não conseguia abrir a porta, sendo ajudada por ele e pelo meu companheiro. O outro homem ficou ao lado do meu companheiro, que, com gestos bruscos e agressivos, abriu sua porta e saiu rapidamente e só não caiu porque o rapaz o segurou pelo braço, amparando-o.

Quando comecei a sair e fiquei de pé do lado de fora do carro, não consegui me equilibrar. Era como se eu estivesse inflando. Comecei a balançar para frente e para trás. Meu companheiro falava e gesticulava muito. Então, aquele homem segurou firme em meu braço e caminhamos para outra parte daquele local. Quando, com sua ajuda, eu contornava o carro pela frente notei enquanto ele era alto e percebi o branco diferente das suas roupas.

Eles continuaram conversando entre si, mas eu não entendia. Paramos do lado esquerdo do carro onde uma porta abriu-se no chão, soltando uma escada por onde, então, começamos a descer. O outro rapaz, ainda segurando firme no braço do meu companheiro, ajudou-o a descer e o que estava comigo também agiu da mesma forma. Esta escada dava em um outro piso metálico.

Já na parte de baixo, notamos com surpresa que estávamos dentro de uma grande nave, ou melhor, uma nave gigante, pois continha vários outros objetos, iguais aquele no qual tínhamos acabado de chegar; e eram todos redondos, alguns maiores. Posso dizer que era uma espécie de garagem.

Fomos então caminhando para um lado daquele lugar, até que, de repente, o meu companheiro parou de se debater na tentativa de soltar-se da



mão do homem que o segurava e disse assim: – Bianca, não vamos mais voltar para casa. Eu lhe perguntei: Por que? E ele me disse: – Isto é coisa de russo ou americano. E o tal disco voador e, como a coisa é secreta, quem entra dentro dele não sai mais.

Como eu vinha caminhando, perdi o domínio das pernas e comecei a cair. Mas isto parece que não preocupou os dois rapazes. Eles nos olharam e o que estava me segurando somente firmou a mão no meu braço, não deixando que eu caísse, até que chegamos a uma espécie de elevador.

Então, os dois homens conversaram entre si, enquanto o meu companheiro, ainda muito nervoso, procurava por todos os meios soltar-se, dando socos e pontapés no rapaz que o segurava. Ele parecia não estar se incomodando com as agressões físicas impostas a ele pelo meu companheiro na tentativa de soltar-se. Eles só nos soltaram quando chegamos à outra parte da nave, depois que saímos do elevador.

Quando a porta daquele elevador se abriu, nós entramos em uma sala quadrada com vários aparelhos, mas uma coisa me chamou a atenção em primeiro lugar. Foi o tamanho das poltronas que à primeira vista, me pareceram, três mesas. Aos poucos aquela sala foi se tornando semelhante a algo conhecido: parecia que estávamos dentro de um laboratório.

Em seguida, fizeram sinais com as mãos para que sentássemos. Sentamos e um deles caminhou até um móvel num dos lados da daquela sala, trazendo consigo uma pequena caixa com fio branco prateado e, voltando-se para mim, colocou-a sobre o meu braço, segurando-o com sua mão, enquanto o outro esticava o fio para um dos aparelhos que havia naquela sala. Quando foi ligado, não senti dor alguma, somente um leve arrepio no local onde estava apoiado aquele aparelho. Notei também que, ao ser ligado, aquela caixa iluminou-se e apareceu na parte de cima dela uma bolha ou uma pequena esfera que oscilava. A mesma coisa foi feita com o meu companheiro.

Depois trouxeram uma espécie de tubo, não muito grande, parecido com uma luneta e o colocaram num dos meus olhos. Eu diria que se tratava de um exame de vista, pois, assim que aquele tubo foi colocado sobre a minha vista,



o rapaz olhou pelo outro lado daquele aparelho que se iluminou ao entrar em contato com a sua mão. Esse exame também foi feito no meu companheiro.

Logo depois, o mesmo homem, segurando em minha mão, levou-me até uma caixa que me pareceu de vidro e, abrindo uma porta alta, colocou-me dentro dela. A porta fechou-se e duas luzes se acenderam, uma no teto daquela caixa e outra na parte de trás. Se um deles entrasse ali, a luz, que ficava na parte de trás, certamente daria bem em suas costas, porque, como já disse, eles eram altos. Eu tenho 1,61m. e, por isso, aquela luz estava na altura da minha nuca. Esta luz era controlada e foi aumentando gradativamente até ficar como um ferro em brasa, mas eu não sentir calor. Somente os pelos do meu corpo ficaram arrepiados. Depois a luz foi diminuindo gradativamente até apagar-se por completo. Aquela caixa não era feita de um único material. O tipo de material usado no teto e atrás não era transparente como o restante. A mesma coisa fizeram com o meu companheiro que, até aquele momento, estava muito preocupado e não parava de lamentar, dizendo que jamais sairíamos daquele lugar.

Eu não estava calma, mas não estava tão agitada quanto ele. Depois de passarmos por aquele estranho aparelho, semelhante a uma caixa de vidro bem alta, um deles, aproximando-se do meu companheiro com outro aparelho na mão; também igual a uma pequena caixa, colocou-o sobre o seu peito. A caixa não estava apoiada em seu peito. Ela estava a uma certa altura do seu peito. O outro rapaz deu uma volta por trás do meu companheiro segurando-o pelos braços, o que fez com que sua camisa se abrisse e o local onde estava o aparelho ficasse a descoberto. Assim que aquele aparelho foi ligado tive a impressão de que seu fundo se soltou e o meu companheiro levou um “choque”, desfalecendo ainda sentado naquela poltrona.

Tentei correr para junto dele, mas fui impedida por um dos homens, que me fez sentar novamente. Eu estava em completo desespero vendo o outro que segurava o meu companheiro puxando-o para trás e deitando-o completamente desfalecido.

Eu pensei que ele estivesse morto e quando esta idéia me ocorreu pensei que em seguida seria a minha vez. Mas isto não aconteceu porque o rapaz



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

que estava com aquele aparelho colocou-o dentro do local de onde o havia tirado, guardando-o.

O rapaz que estava perto do meu companheiro, pouco depois de conversar com o outro, foi até perto da caixa de vidro e sentou-se em uma daquelas poltronas, enquanto o seu companheiro ficou *de pé* ao seu lado, conversando. Creio que falavam sobre minha pessoa, pois ambos olharam-me como se todas as minhas reações estivessem sendo observadas e comentadas por eles. E assim ficaram durante algum tempo. Pouco depois, o rapaz que estava de pé saiu e apenas um deles ficou na sala. Como eu chorava muito, pensando que o meu companheiro já estava morto, a qualquer movimento que aquele rapaz fazia dentro da sala eu me assustava muito e encolhia de medo, pensando que tinha chegado a minha vez de morrer.

Penso que ele entendeu o meu medo porque durante um bom tempo, ele permaneceu sentado, tentando me dizer com gestos que tudo estava bem. Ele olhava para mim e depois apontava na direção do meu companheiro para que eu o olhasse também e, em seguida, levava o dedo indicador ao nariz para me mostrar que ele respirava e não estava morto, mas só dormindo. Ele fez este gesto várias vezes, mas, como eu não parava de chorar, ele percebeu que eu não estava entendendo. Então, ele me levou até junto do meu companheiro mostrando-me que ele estava bem e que era como se estivesse dormindo. Fiquei um pouco mais calma e voltei a sentar-me.

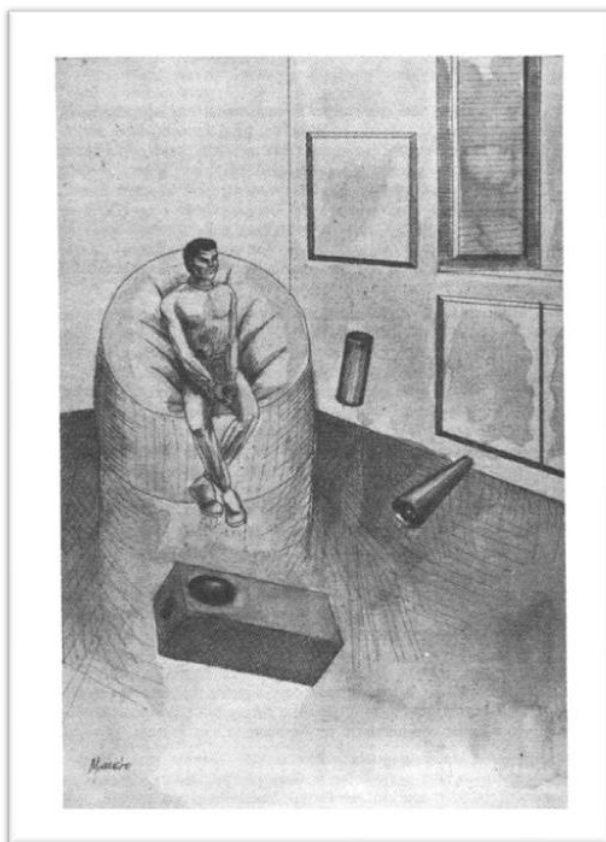
De vez em quando aquele homem sorria para mim, querendo tranquilizar-me, indicando que tudo estava bem. Não sei quanto tempo o meu companheiro ficou neste estado. Talvez cerca de uma hora. Fiz menção de chamá-lo, mas, não sei por que, faltou-me coragem e, depois – pensei – para que, se não iria ajudar em nada?

De repente, ouvi um ruído. E, realmente, era uma chamada, pois aquele homem, virando-se, apanhou uma das caixas que estava na sala e caminhou com a mesma até a porta, onde uma outra pessoa estava à sua espera.

Depois de uma breve conversa ele entregou aquela caixa ao outro, voltou para a sala e sentou-se, ficando algum tempo a olhar-nos. Em seguida, ele foi novamente para junto do meu companheiro e verificou se tudo estava bem.



Só podia ser isto porque, depois de olhar bem para ele, voltou-se para mim e fez sinal dando-me a entender que tudo estava bem.



..., enquanto apontava o tal aparelho para o objeto que parecia um copo, o mesmo flutuava no espaço ...

Então, calmamente, ele foi até junto de uma máquina ou móvel – não sei explicar muito bem o que eram todos aqueles objetos e aparelhos, pois tudo era totalmente estranho para mim – apanhou um pequeno aparelho do tamanho de um rádio de pilha de bolso e começou a agir como se estivesse brincando e ao mesmo tempo tentando distrair-me.

Mostrou-me vários pequenos objetos, alguns com formato de copo, mas diferentes dos nossos, pois não eram de vidro. Porém, o mais importante, o que mais me chamou a atenção, foi o fato de que ele, enquanto apontava o tal aparelho para o objeto que parecia um copo, o mesmo flutuava no espaço daquela sala para cima e para baixo, para os

lados, enfim, para qualquer lugar que ele quisesse que fosse.

E ficamos assim durante algum tempo, ele, como eu interpretei, a brincar com objetos e eu a observá-lo, até que, a certa altura, o meu companheiro acordou daquele sono provocado. Estava meio tonto, porém, muito mais calmo que antes.

Neste momento, deixando de lado aquela brincadeira, aquele homem foi até o local onde antes havia recebido um chamado de rádio e se comunicou com alguém. Pela sua expressão sorridente, enquanto falava, notei que estava



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

feliz, talvez, creio eu, pelo fato do meu companheiro ter despertado e estar bem.

Pouco depois daquela conversa, ele foi até onde o meu companheiro estava e ajudou-o a ficar em pé, colocando uma de suas mãos sobre o seu ombro. Então, caminharam juntos até onde eu estava e, estendendo-me sua mão também me ajudou a levantar.

Caminhamos assim, os três, em direção àquela porta onde ele antes estivera de pé a nos observar.



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br